

CERÂMICAS DE PRODUÇÃO LOCAL/REGIONAL NO CONTEXTO COLONIAL ESPANHOL DE SANTIAGO DE XEREZ, SÉCULO XVII

LOCAL/REGIONAL CERAMIC PRODUCTION IN THE SPANISH COLONIAL CONTEXT OF SANTIAGO DE JEREZ, 17TH CENTURY.

Rafael de Abreu e Souza

Doutorando (MAE/USP e NEPAM/UNICAMP)
Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais.
Rua dos Flamboyants - Cidade Universitária
CEP 13083867 - Campinas, SP.
E-mail: rafaelabreusouza@gmail.com

Marcel Lopes

Mestre (MAE/USP)
Rua Cangati, 131 – Apto 4 – Vila Lageado
CEP 05343-050 – São Paulo, SP.
E-mail: marcel.lopes12@gmail.com

RESUMO

O acervo resultante das escavações no sítio arqueológico Santiago de Xerez, no município de Aquidauana, Mato Grosso do Sul, em 2010, é aqui utilizado como ponte para a discussão em torno das cerâmicas de produção local/regional e das dinâmicas de ocupação, estabelecimento da população e abastecimento interno no contexto colonial.

Palavras-chave: Xerez, Cerâmica de produção local/regional, Abastecimento Interno.

ABSTRACT

The assemblage from archaeological excavations at Santiago de Jerez site, in Aquidauana city, Mato Grosso do Sul State, during 2010, is used to discuss ceramics of local / regional production and the dynamics of occupation, establishment of population and inner supply in the colonial context.

Keywords: Jerez, Local/regional production Ceramic, Inner Supply.

Projeto Arqueológico Santiago de Xerez

Em 2010, o Projeto Arqueológico Santiago de Xerez foi estruturado pela empresa Zanettini Arqueologia a partir de ações desenvolvidas pela Superintendência Estadual do IPHAN no Mato Grosso do Sul, contando com apoio da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, com objetivo de dilatar conhecimentos a respeito de experiências urbanas pioneiras em solo latino-americano. Para isto, recorreu aos vestígios de uma “cidade” erguida em território colonial espanhol, fulcralmente associada ao processo de conformação da fronteira ocidental da América Portuguesa e do Brasil. A região, conhecida nos séculos XVI e XVII por “Campos de Xerez”¹, foi alvo do investimento da colonização que resultou na fundação da cidade de “Santiago de Xerez”, marco da penetração espanhola no coração da América do Sul.

A questão central do projeto girou em torno da localização da cidadela colonial fundada pela segunda vez em 1600 e destruída por ataque bandeirante na primeira metade do século XVII. Segundo Martins², Santiago de Xerez foi fundada duas vezes: a primeira, no ano de 1593, por iniciativa de Ruy Diaz de Guzmán, em algum ponto da margem direita do baixo curso do rio Ivinhema, à época denominado Muney ou Munici; a segunda, em 1600, transladada do rio Ivinhema para a margem do rio Miranda ou Aquidauana, na época denominado Mbotetéi³. Ali teria perdurado até sua definitiva destruição por bandeiras paulistas em 1680⁴. Xerez, assim, remete também às discussões em torno da situação do Brasil como colônia de Castela durante a União das Coroas Ibéricas entre o final do século XVI e a primeira metade do século seguinte⁵.

Foi neste âmbito que um dos poucos estudos históricos específicos sobre Xerez, de Sandra Novais⁶, procurou compreender as razões da fundação, e do insucesso das tentativas de fundação, de uma cidade em região de limites fronteiriços tão disputados. Para a autora, debruçar-se sobre Xerez possibilita criticar o regionalismo da produção dos países de língua

¹ NOVAIS, Sandra. Fontes para o estudo da presença colonial espanhola nos “Campos de Xerez”. *Anais do II Congresso Internacional de História da UFG/ Jataí*. Goiânia: UFG, 2011.

² MARTINS, Gilson R. Arqueologia histórica nas ruínas do sítio Santiago de Xerez. *Atas da ANPUH*, 2008; MARTINS, Gilson R. Santiago de Xerez: uma problemática para a arqueologia histórica. Separata de *Historia Paraguaya. Anuario de la Academia Paraguaya de la Historia*, v. XLII, 2002.

³ ZANETTINI ARQUEOLOGIA. *Projeto Arqueológico Santiago de Xerez, Município de Aquidauana – Mato Grosso Do Sul*. Relatório Final. São Paulo: Zanettini Arqueologia, 2010.

⁴ MARTINS JR., Carlos. Casa Candia do Município de Anastácio – MS: uma reflexão sobre o patrimônio edificado e documental. *1º Encontro de Arqueologia de Mato Grosso do Sul*, Campo Grande (MS), 2009.

⁵ RUIZ, Rafael. *São Paulo na Monarquia Hispânica*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio, 2004.

⁶ NOVAIS, Sandra. *Marco histórico do colapso do projeto colonial castelhano em Mato Grosso (1593-1632)*. 2004. Dourados – UFMS. Dissertação (mestrado em História).

espanhola, centradas nas reflexões sobre a região andina, e a falha da historiografia brasileira em se limitar a explicar a região a partir da ação dos bandeirantes paulistas, ignorando a anterior presença castelhana⁷.

Na esperança de trazer à tona novos dados em torno da história de Xerez, de suas diferentes fundações e de seu súbito desaparecimento, em 1974, o antigo SPHAN - Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional registrou o sítio de Xerez a partir de estruturas arqueológicas edificadas ainda visíveis em superfície. A equipe que realizou o primeiro croqui delimitou arruamentos a partir de evidências de paredes e do local onde teria sido a igreja⁸. Em 1992, os primeiros estudos científicos no local foram levados a cabo, pautados na busca às “reais” explicações para os vestígios materiais encontrados em Aquidauana. A partir de então, a cidade colonial espanhola de Santiago de Xerez deixou de ser uma referência lendária, como era para a população local, para se tornar referência histórica e patrimonial.

Em 2004, um projeto de Arqueologia e História foi organizado com apoio do FUNDECT e do CNPq, coordenado pelo arqueólogo Gilson Rodolfo Martins, da UFMS, tendo como prioridade realizar novas sondagens arqueológicas na fazenda Volta Grande, o local onde se encontram as ruínas⁹. Em 2007, novo estudo foi desenvolvido, com financiamento da 18ª Superintendência Regional do IPHAN, sediada em Campo Grande, dando ênfase a escavações arqueológicas. Essas etapas de campo resultaram em datações, por C₁₄, de fragmentos cerâmicos associados, majoritariamente, à primeira metade do século XVII¹⁰. As datas corroboram a hipótese levantada por alguns pesquisadores¹¹ que estabelecia que as ruínas localizadas em Aquidauana fossem vestígios materiais da segunda Xerez.

Este artigo remete aos dados obtidos na etapa de campo realizada em 2010, no escopo do Projeto Arqueológico Santiago de Xerez, que resultou em acervo composto por 1.450 peças, dentre artefatos cerâmicos, líticos e materiais construtivos (maciçamente caracterizados por fragmentos de telhas capa-canal). Do total de artefatos que compõem esse acervo, foram submetidos a procedimentos de análise 46%, correspondentes a cerâmicas e líticos (estes, 2%

⁷ NOVAIS, Sandra. Op. Cit, 2004; ZANETTINI ARQUEOLOGIA. Op. cit., 2010.

⁸ ZANETTINI ARQUEOLOGIA. Op. Cit, 2010.

⁹ MARTINS, Gilson R.; NOVAIS, Sandra (2006). Relatório Final do Projeto "Levantamento e prospecção arqueológica no sítio Santiago de Xerez/Aquidauana, MS".

¹⁰ MARTINS, Gilson. Op. cit., 2008

¹¹ NOVAIS, Sandra. Op. cit., 2004; ESSELIM, Paulo M.; OLIVEIRA, Tito C. M. Índio, Gado e Blindagem na Construção da Fronteira no Sul de Mato Grosso. *Boletim Gaúcho de Geografia*, n. 32, Porto Alegre, 2007: 37-56; GUEDES, M. J. A cartografia da delimitação das fronteiras do Brasil no século XVIII. In: *Cartografia e diplomacia no Brasil do século XVIII*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1997; MARTINS JR., Carlos. Op. Cit., 2009

do total). Para tal, as análises foram realizadas partindo-se da divisão do universo de peças escavadas em nove concentrações, obedecendo a uma espacialização gerada pela correlação entre contextos arqueológicos e estruturas urbanas (especialmente os montículos lineares resultantes dos antigos muros delimitadores de possíveis quadras). Vale ressaltar que os recipientes cerâmicos ocupavam significativa porção do aparato material dos ocupantes de Xerez (em especial para a alimentação), destarte a existência de outros materiais perecíveis que não compõem mais o registro arqueológico encontrado.

São algumas das reflexões em torno deste acervo que dialogam com as estratégias tomadas e com as relações estabelecidas entre grupos indígenas e europeus, resultantes das dinâmicas espanholas vindas do leste e do avanço bandeirante em direção à fronteira ocidental da América Portuguesa, em contexto de disputas fronteiriças não apenas pelo controle da região do lago Xarayes, que ligaria a bacia Amazônica a bacia do Prata e, portanto, possibilitaria controle de rotas fluviais da América meridional de norte a sul, mas também dos caminhos e das proximidades com o ouro das minas de Potosí, que se apresentam aqui. Este é o período no qual as coroas ibéricas organizam de forma explícita políticas para controle da bacia do Prata e de suas terras limítrofes em virtude das notícias de abundância de ouro e prata¹² na região.

Para isto, este artigo divide-se em duas partes. A primeira procura retomar a discussão em torno da cerâmica encontrada em contextos de presença indígena e europeia, pautando-se em exemplos de estudos latino-americanos e norte-americanos, nos quais é possível observar terminologias específicas utilizadas para buscar compreender os complexos fenômenos de interação cultural e a cultura material deles resultantes. O esforço destes pesquisadores dialoga com problemáticas próprias de cada campo intelectual que influenciou as interpretações dos dados arqueológicos, estando no cerne do início da Arqueologia Histórica como disciplina no Brasil. A segunda, partindo da adoção do termo sugerido por Zanettini¹³ e das problemáticas que os materiais implicam, busca tecer ilações iniciais para uma discussão em torno dos recipientes cerâmicos utilizados pela população que habitou Santiago de Xerez no século XVII. Sugere-se que o abastecimento interno colonial era mais intenso, e resultante de processos mais complexos, do que faz ver a clássica visão da *plantation* exportadora tecida

¹² RUIZ, Rafael. Op. cit., 2004: 23

¹³ ZANETTINI, Paulo E. *Maloqueiros e seus palácios de barro: o cotidiano doméstico na Casa Bandeirista*. 2005. São Paulo – USP. Tese (Doutorado em Arqueologia).

pela historiografia dos anos 1930, o que alinha os resultados das pesquisas arqueológicas às mais recentes discussões da História colonial sul-americana¹⁴.

Ressalta-se, ainda, que poucos foram os estudos realizados, no escopo da Arqueologia Brasileira de contextos arqueológicos espanhóis em território nacional, a maior parte deles focados nas ocupações da chamada Província do Guairá, no que hoje conhecemos como Paraná. Nos anos 1940, Watson¹⁵ teceu discussões em torno do material cerâmico coletado na superfície do sítio Ciudad Real do Guayrá, remanescente da cidade fundada pelo Império Espanhol, no século XVII, para tentar compreender a questão “do efeito da cultura europeia sobre a cultura Guarani”. Watson analisa as cerâmicas acordeladas, corrugadas, ungladas, policromas, escovadas e lisas, de produção local, estabelecendo tipos denominados “Guairá corrugado”, “Guairá escovado” e etc.; cria a categoria “cerâmica paraguaia moderna” para referir-se aos recipientes fabricados em torno, localmente, por indígenas, após a introdução desta tecnologia pelos europeus¹⁶. O material arqueológico foi identificado como Guarani, associado ao grupo que teria se beneficiado do comércio extensivo na região.

A Ciudad Real do Guayrá foi escavada uma vez mais por Igor Chmyz nos anos 1970, lida sob ótica da “tradição neobrasileira”. Contextos espanhóis no Paraná também foram trabalhados entre os anos 1960 e 1980, como as reduções incentivadas pela coroa espanhola de Santo Inácio Menor e Nossa Senhora do Loreto¹⁷. Em 1988, San Pablo Del Inaí fora escavada pelo Museu Paranaense e alguns exemplos pontuais podem ser identificados em geral na região sul do país¹⁸.

Villa Rica Del Espiritu Santo foi escavada e prospectada entre 1959 e 1995 sob a perspectiva do PRONAPA, tornando-se alvo de estudo pormenorizado de Cláudia Parellada, sob orientação de Igor Chmyz. Com objetivo de estudar as fronteiras étnicas e os “atores” que compuseram a realidade de Villa Rica, analisou a cultura material enumerando as diferentes tradições para a cerâmica encontrada - Neobrasileira, Iberoindígena, Guarani e Itararé

¹⁴ BLAJ, Ilana. *A Trama das Tensões: o Processo de Mercantilização de São Paulo Colonial (1681-1721)*. São Paulo: Humanitas, 2003; MOURA, Denise A. S. *Sociedade movediça: economia, cultura e relações sociais em São Paulo, 1808-1850*. São Paulo: Edunesp, 2008; BORREGO, Maria A. M. *A Teia Mercantil: negócios e poderes em São Paulo Colonial (1711-1765)*. São Paulo: Alameda/Fapesp, 2011.

¹⁵ WATSON, Virginia D. Ciudad Real: um sítio Guarani-Espanhol no alto rio Paraná. *Revista de Arqueologia*, 16, 2003: 139-155

¹⁶ WATSON, Virginia D., Op cit., 2003: 148

¹⁷ PARELLADA, Cláudia. *Um tesouro herdado: os vestígios arqueológicos na cidade colonial de Villa Rica del Espiritu Santo / Fênix-PR*. 1997. Curitiba – UFPR. Dissertação (Mestrado em Antropologia).

¹⁸ BROCHADO, José P. Contatos entre Europeus e Indígenas: um estudo de aculturação através das mudanças na Cultura Material. *Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas*, ano II, n. 2, 1974: 11-47.

(encarada como cerâmica intrusiva da fase Xagu). Para Parellada¹⁹, a identidade étnica espanhola foi construída em contraste com grupos indígenas, paulistas e jesuítas, sendo a presença Guarani identificada a partir de líticos e cerâmicas. Concluindo que a maior parte do material das cidades coloniais é produzida na própria colônia, associando necessidade à dificuldade de acesso, relaciona o engobo vermelho, recorrente em quase 50% do acervo, à influência europeia, e a Tradição Itararé à presença de mulheres do tronco Jê na cidade e/ou a trocas entre espanhóis e Guarani com grupos Jê.

De produção local/regional, neobrasileira ou de transculturação?

Enquanto remanescente de uma antiga ocupação espanhola na fronteira da então América Portuguesa, o sítio correspondente a Santiago de Xerez dialoga com as pesquisas arqueológicas realizadas no âmbito dos países da América latino-hispânica, assim como com as pesquisas que a América do Norte vem realizando sobre estas ocupações. Este diálogo é extremamente necessário uma vez que se deve traçar paralelos entre o que se encontra no Brasil e a grande quantidade de sítios históricos no restante da América Latina, tendo em vista a menor frequência de sítios hispânicos em terras nacionais, devido à variação dos limites territoriais do país durante sua fase colonial. Aqui, focar-nos-emos no exemplo de alguns estudos sobre artefatos cerâmicos, tendo em vista sua presença maciça no acervo gerado pelas intervenções arqueológicas em Santiago de Xerez em 2010 e sua alta frequência em sítios coloniais espanhóis dos séculos XVI a XVIII, mormente relacionados ao universo da alimentação.

Para que diálogos sejam estabelecidos, é imprescindível que partamos igualmente das categorias classificatórias utilizadas pela Arqueologia Histórica da América Latina de língua espanhola, e por aquela de língua inglesa, onde se encontram termos como “cerâmicas burdas” e “cerâmicas hispano-indígenas”, “cerâmica criolla”, “cerâmica mestiza”, “cerâmicas colono-alfareras”, etc., apesar das críticas que a Arqueologia vem fazendo, nos últimos anos, à validade de terminologias demasiado normativas²⁰. Como era de se esperar para um fenômeno tão complexo como o que envolve as cerâmicas nestes contextos, não existe uniformidade de pensamentos e abordagens²¹, o que acaba sendo positivo, uma vez que isso reflete certa tendência a respeitar particularidades locais.

¹⁹ PARELLADA, Cláudia. Op. cit.

²⁰ ZANETTINI, Paula E. Op. cit., 2005.

²¹ ÁLVAREZ, Lizette R.; DELGADO, R. A.; OLIVA, C. A. H. La cerámica de tradición aborígen: ejemplos habaneros. *Gabinete de Arqueologia*, Boletín n. 5, ano 5, 2006: 16-87.

A etapa de campo em Santiago de Xerez gerou acervo constituído quase que majoritariamente por fragmentos de antigos recipientes cerâmicos: com acabamento de superfície plástico (decoração plástica) ou com engobos vermelhos (“engobes rojos”). Jamieson²², em suas pesquisas sobre o Equador Colonial, afirma que as cerâmicas de “colono-alfarería”, isto é, cerâmicas não vidradas, de uso ordinário, e produção local, caracterizariam cerca de 40 a 60% dos acervos resultantes de pesquisas arqueológicas em sítios históricos espanhóis coloniais, em geral dominados por formas nativas americanas (“vasijas”, “ollas”, “cuencos”). Tais pesquisas partem, em geral, de pressupostos, bastante caros ao contexto de discussões historiográficas para a América espanhola colonial, sobre as “misturas culturais” ou “mestiçagem”, evidenciados pela criação de novas formas artefatuais, por exemplo²³.

As cerâmicas encontradas nos contextos arqueológicos coloniais espanhóis estão no cerne de discussões acirradas que envolvem o entendimento das categorias de cultura e mudanças culturais. Importa lembrar que esta literatura está presente por todo o continente americano, com destaque para as pesquisas de Kathleen Deagan, Patrícia Fournier e B. McEwan nos Estados Unidos, de Lourdes Dominguez e Lisette Roura Álvarez em Cuba, e, para a América do Sul, de Monika Therrien na Colômbia e de Daniel Schávelzon sobre o contexto colonial rio-platense. No Brasil, discussões semelhantes são realizadas no contexto das arqueologias missionárias na região sul do país. A cerâmica destes conjuntos é classificada, em geral, tendo em vista primeiramente a procedência geográfica e as escalas de produção/demanda/distribuição, isto é, se produzidas local, regionalmente ou importadas, tipologizadas nas categorias “artefatos indígenas”, “europeus” e “hispano-americanos”.

Atualmente, é indubitável a utilização de três modelos interpretativos maiores em torno destes artefatos, configurados notadamente durante os anos 1980: a “colono ware”, criada por Kathleen Deagan²⁴ em estudos na Flórida, a “cerâmica criolla”, por Rivera Calderón com estudos em Porto Rico, e a “cerâmica de transculturación”, por Lourdes Dominguez, em estudos sobre Cuba e a República Dominicana²⁵. Partindo da Antropologia levada a cabo por Fernando Ortiz, a arqueologia cubana firmou-se em contraposição a

²² JAMIESON, R. W. *De Tomebamba a Cuenca: arquitectura y arqueología colonial*. Quito: Abya-Yala, 2003.

²³ WILKIE, L. A. Culture. In: ORSER, C. (ed.) *Encyclopedia of Historical Archaeology*. London: Routledge, 2002: 160

²⁴ DEAGAN, Kathleen. The material assemblage of 16th century Spanish Florida. *Historical Archaeology*, v. 12, 1978: 25-50

²⁵ DOMINGUEZ, Lourdes S. *Arqueología colonial cubana*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1984; DOMINGUEZ, Lourdes S. *Arqueología en un pueblo de indios cercano a la Villa de San Cristobal de la Habana. Cuba – una identidad in movimiento*. Archivocubano, 2008.

utilização de termos como “aculturação” utilizados pela arqueologia norte-americana, resultando em interpretações diferenciadas em torno dos vestígios cerâmicos e das relações sociais e étnicas com que dialogam.

O primeiro grande modelo interpretativo em torno da cultura material resultante da interação entre grupos indígenas e espanhóis nos contextos dos séculos XVI, XVII e XVIII provém, de fato, das pesquisas realizadas por Kathleen Deagan em Saint Augustine, a primeira colônia espanhola na América do Norte, na atual região da Florida. A orientação norteadora das pesquisas girou em torno da compreensão da adaptação inicial dos espanhóis na região e a evolução subsequente deste padrão adaptativo ao longo dos três séculos seguintes²⁶.

Segundo Deagan, existiria um modelo de produção cerâmica baseado nos tipos de ocupação desenrolados na América Espanhola. Ou seja, em locais menores, como guarnições, fortes, destacamento militares e acampamentos, desse momento inicial de colonização, onde a maior parte da população era masculina, existiria um “sincretismo” maior, interétnico, pois as mulheres seriam “indígenas”, diferente de pequenos núcleos urbanos e coloniais, já ocupados por famílias nos quais a presença de mulheres espanholas tenderia a manter certo “conservadorismo” em relação ao ambiente doméstico, com uso de objetos “europeus”. Com a política de casamentos entre mulheres indígenas e colonizadores espanhóis para legitimação de direitos espanhóis a terra e ao trabalho e estratégias indígenas de dominação sobre outros povos, muitas vezes a família, neste contexto colonial, adquiria aspectos da matrilinearidade local [ao que o exemplo bastante clássico é o da Malinche²⁷]. Assim, o universo doméstico passou a ser caracterizado pela introdução de elementos de indígenas americanas nas atividades cotidianas básicas controladas por mulheres²⁸. Isto teria, para a arqueóloga, dialogado diretamente com as transformações identitárias nas colônias que colaboraram para a formação das mentalidades que fomentaram os processos de independência.

Deste modo, o “processo de mestiçagem” seria passível de ser observado através de uma análise minuciosa do descarte resultante das unidades domésticas, em termos de uma

²⁶ DEAGAN, Kathleen; SCARDAVILLE, M. Archaeology and History on Historic Hispanic Sites: impediments and solutions. *Historical Archaeology*, v. 19, n. 1, 1985: 32-37

²⁷ TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

²⁸ DEAGAN, Kathleen. Dynamics of imperial adjustment in Spanish America: ideology and social integration. In: ALCOCK, S. E.; D'ALTROY, T. N.; MORRISON, K. D. & SINOPOLI, C. M. (org.) *Empires: perspective from archaeology and history*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001: 194

Arqueologia da Etnicidade, em especial no que se refere a restos alimentares, cerâmicas e equipamentos de preparo de alimentos, uma vez que esta mestiçagem seria o resultado de casamentos entre o homem espanhol e a mulher indígena e sua inequívoca participação no ambiente doméstico (*household activities*).

Ainda para Deagan, pensar as cerâmicas destes sítios históricos é empreender diálogos com as fontes documentais de época, através das quais é possível saber que a metrópole proibiu qualquer atividade mercantil intercolonial nas colônias espanholas desde o século XVII, e os dados arqueológicos, nos quais é possível perceber que cerâmicas de produção espanhola são raras depois de 1600²⁹, a não em sítios associados a naufrágios³⁰. As cerâmicas de produção local/regional nestes contextos seriam, então, também reações à inadequação e insuficiência do sistema de abastecimento espanhol para as colônias, o que resultou na produção de bens de “estilo europeu” nas Américas³¹ por demandas de consumo específicas.

No contexto do pensamento arqueológico norte-americano, McEwan ao estudar as missões religiosas também na região da Flórida, parte do pressuposto de que as cerâmicas dos sítios espanhóis coloniais dialogam com o que o autor chama de processos de “acomodação” e “interdependência” entre os indígenas Apalaches e os espanhóis³². Deste modo, a partir de análises petrográficas do que denomina “colono-ware”, conforme Deagan, determina sua produção local, presumivelmente feita por mulheres indígenas para uso não só europeu, como também nativo. A grande quantidade de “native ceramics” nos conjuntos artefatuais dos sítios por ele estudados sugere a incorporação de mulheres nativas às casas hispânicas em atividades tradicionalmente femininas como cozinhar, limpar, costurar e cuidar das crianças³³. McEwan, ao estudar sítios arqueológicos em Sevilha, na Espanha, concomitantes aos sítios coloniais espanhóis na América, comparou os conjuntos artefatuais e procurou perceber as dinâmicas de permanência das cerâmicas espanholas e o processo de rápida substituição das mesmas por artefatos indígenas. Fica evidente, para o autor, que um padrão tradicional da cultura material espanhola tentou manter-se no Novo Mundo, especialmente nas áreas voltadas a exposição

²⁹ DEAGAN, Kathleen. Colonial origins and colonial transformations in Spanish America. *Historical Archaeology*, v. 37, n. 4, 2003: 3-13.

³⁰ DEAGAN, Kathleen. *Artifacts of the Spanish Colonies: Florida and the Caribbean, 1500-1800* (Vol.II: Portable, personal possessions). Smithsonian Institution Press, Washington, D.C., 2001: vi-xvii

³¹ DEAGAN, K. Op. cit., 1978, p. 7

³² McEWAN, B. G. San Luis de Talimali: the archaeology of Spanish-Indian relations at a Florida Mission. *Historical Archaeology*, v. 25, 1991: 35-60

³³ McEWAN, B. G. Op. cit., 1991: 56

pública, como os serviços de mesa e consumo de alimentos, e os azulejos, na arquitetura³⁴.

King, ao estudar a variabilidade nos conjuntos artefatuais de sítios arqueológicos coloniais do século XVII também em Saint Augustine, afirma que a cerâmica é o mais importante componente para o sistema de abastecimento espanhol, refletindo variabilidades não apenas sociais como temporais³⁵. Nos conjuntos analisados, as chamadas “aboriginal coarse earthenwares”, enquanto cerâmicas de produção local, abundam em quantidade em comparação a produção não-local, ao que o autor associa processos de “conservadorismo” e “aculturação” na adaptação espanhola ao ambiente local. O modelo estabelecido, a partir dos estudos de Deagan e McEwan, é o de que o isolacionismo da colônia, assim como os casamentos interétnicos espanhol-indígenas, contribuiu para o crescimento da dependência de cerâmicas de tecnologia indígena, o que só aumentou a interação, crescente, com as populações nativas durante todo o século XVII³⁶.

Para McEwan, por exemplo, não haveria formas correspondentes àquelas conhecidas na Espanha, na América, vidradas, para consumo individual da população espanhola (destarte, mais tarde, a produção das mayólicas americanas, como a Puebla). No entanto, havia formas correspondentes, em termos funcionais, aos recipientes de cozinha – daí a presença de cerâmicas indígenas para cocção e preparo de alimentos, e aquelas mais “europeias”, para a alimentação individual. Como cozinhar era função feminina, McEwan toma como certo que as menores proporções nos conjuntos artefatuais de recipientes “espanhóis” ou de formas mais europeias para o universo da cozinha corresponde a contextos com menor quantidade de mulheres espanholas no âmbito colonial (a exceção de locais como Lima, por exemplo). O conservadorismo, em termos de recipientes espanhóis ou europeus para cozinhar, observado nos conjuntos com presença de mulheres espanholas não o é naqueles contextos nos quais elas não estão presentes, sendo as mulheres indígenas, portanto, para o autor, agentes primordiais de “aculturação” dos espanhóis no Novo Mundo³⁷.

Patrícia Fournier, ao trabalhar com ocupações do México colonial, ressalta que as mais antigas interações colonos-indígenas resultaram, sem dúvida, em transformações da tecnologia indígena cerâmica. Destaca, por exemplo, vasilhas de cerâmica com formas astecas

³⁴ McEWAN, B. G. The role of ceramic in Spain and Spanish America during the 16th Century. *Historical Archaeology*, v. 26, 1992: 103.

³⁵ KING, J. Ceramic variability in 17th Century St. Augustin, Florida. *Historical Archaeology*, v. 18, 1984, 75-82.

³⁶ KING, J. Op. cit, 1984: 81

³⁷ McEWAN, B. G. Op. cit., 1992: 104

sobre o que um vidrado ou brunidura próprio da cerâmica de tradição ibérica, introduzida pelos europeus, foi aplicado. Para a autora, a variabilidade cerâmica colonial no México é ampla por ser fruto da persistência de tradições pré-hispânica que foram se adequando e se transformando de acordo com as demandas dos consumidores de origem europeia³⁸.

Jamieson, ao estudar contextos coloniais espanhóis durante o período colonial no Equador, propõe modelo pautado no fato de que em áreas de rituais visíveis socialmente, ou seja, durante as refeições como jantar ou almoço, existiria uma prática conservadora em prol de manter valores espanhóis, resultando no uso de formas mais europeias, como pratos ou recipientes abertos e planos, enquanto que nas áreas menos visíveis, isto é, a cozinha e as áreas de preparação de alimentos, teria ocorrido uma “aculturação” e um sincretismo espanhol-indígena³⁹. Pauta-se por uma arqueologia baseada nas premissas de gênero, na qual a cozinha seria domínio de mulheres indígenas, assumindo, a partir da análise dos artefatos, que os utensílios de cozinha mantiveram as formas nativas americanas, mais que aqueles para serviço ou consumo individual⁴⁰. Deste modo, Jamieson observa que os conjuntos artefatuais cerâmicos são majoritariamente composto por recipientes produzidos com técnicas mais manuais, como o acordelado, com expressão tímida de torneados, que teriam sido feitos por ceramistas indígenas que mantiveram a tradição pré-hispânica de manufatura nas áreas rurais⁴¹.

É do contexto da arqueologia caribenha que surgem críticas às abordagens norte-americanas, especialmente àquelas relacionadas aos processos de “aculturação” e as “colono ware” de Deagan, pautadas por uma Antropologia e uma História reacias dos pressupostos demasiados segregacionistas e multiculturais estadunidenses. Para Álvares, Delgado e Oliva⁴², a ampla profusão das cerâmicas típicas de sítios coloniais espanhóis deve ser considerada também em termos de manufatura local, baixos preços, fácil acesso, ofertas e demandas adequadas, tradições de uso, aptidão entre os que cozinham, etc. Não pode-se, igualmente, homogeneizar os processos que dialogam com a cultura material, ocorridos no âmbito colonial por toda a América, devendo-se respeitadas as particularidades locais. Em algumas regiões da Mesoamérica, por exemplo, houve uma manutenção, inclusive com

³⁸ BLACKMAN, M. J.; FOURNIER, P.; BISHOP, R. L. Complejidad e interacción social en el México Colonial: identidad, producción, intercambio y consumo de lozas de tradición ibérica, con base en análisis de activación neutrónica. *Cuicuiló – Escuela Nacional de Antropología e Histórica*, año 13, n. 36, 2006: 203-222.

³⁹ JAMIESON, R. W. Op. cit., 2003: 235.

⁴⁰ JAMIESON, R. W. Op. cit., 2003: 236.

⁴¹ JAMIESON, R. W. Op. cit., 2003: 239.

⁴² ÁLVAREZ, L. R.; DELGADO, R. A.; OLIVA, C. A. H. Op. cit., 2006

mescla de padrões decorativos, das cerâmicas astecas. Rockmore ao dar andamento a uma arqueologia colonial na área Maia e uma arqueologia das missões coloniais mais humildes no século XVI na mesma região, percebeu uma continuidade cultural clara com a presença maciça de cerâmicas de tradição pós-clássicas na época colonial⁴³.

Para Rockmore, esta é uma lição de “desilusão” aos arqueólogos, uma vez é preciso ter em mente que as ocupações espanholas coloniais em região periféricas são extremamente difíceis de serem identificadas, sendo indispensável contar-se com cartografias coloniais para que exista uma possibilidade mais realista de localizar sítios, dado que os mesmos tendem a ser bastante imprecisos em termos cronológicos. É evidente a dificuldade em diferenciar as cerâmicas pré e pós-chegada espanhola, dada a forte manutenção de tecnologias indígenas de produção⁴⁴. Deste modo, os Maias teriam se adaptado aos sistemas coloniais espanhóis e, em termos gerais, “acima” dos processos diversos de intercâmbio cultural.

A arqueóloga cubana Lourdes Dominguez, bastante influenciada pelas leituras de Fernando Ortiz, propõe, para os estudos dos artefatos dos sítios coloniais espanhóis pós-1550, que esta cultura material é um produto novo, resultado de “simbioses culturais”; deste modo, a cerâmica é classificada como “cerâmica transicional” ou “transculturada”, muito abundante nos sítios coloniais, feita com argila muito semelhante aquela utilizada pelos grupos indígenas em Cuba, em torno ou com técnicas mais manuais, em fornos abertos ou fechados. Para a arqueóloga, a complexidade destas cerâmicas resulta, sem dúvida, dos casamentos, não necessariamente oficiais, entre homens espanhóis e mulheres arawak, num contexto de matrilinearidade e manutenção de heranças e bens⁴⁵.

Para Álvarez, Delgado e Oliva, no entanto, a utilização do termo “cerâmicas de transculturação” é problemática, e propõem o uso de “cerâmica de tradición aborígen”, pois para os mesmos, é a tradição cultural arawak que persiste durante a etapa colonial, já que estes artefatos são comercializados como produtos de subsistência inclusive por outras etnias indígenas. Muitas vezes não há nada que permita claramente diferenciar, tecnologicamente, estas cerâmicas classificadas como “transculturais” daquelas indígenas pré ou pós-hispânicas.

A terminologia “cerâmicas de tradição aborígen” tem base na origem e evolução

⁴³ ROCKMORE, M. Investigaciones en las misiones coloniales de Petén. *XVII Simposio de Investigaciones Arqueológicas en Guatemala*, 2003. Museu Nacional Arqueológico e Etológico, Guatemala, 2004: 702-709

⁴⁴ ROCKMORE, M. Op. cit., 2004: 708

⁴⁵ DOMINGUEZ, Lourdes S. A mulher aborígen nas Antilhas no início do século XVI. In: FUNARI, P. P. A.; ORSER JR., C. E.; SCHAIVETTO, S. N. O. (org.) *Identities, discurso e poder: estudos de arqueologia contemporânea*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2005: 12-26

tecnológica que se interdigita ao programa utilitário doméstico frente ao processo de “aculturação” imposto pelos espanhóis. Mesmo em alguns contextos escavados no Caribe, onde se percebe a presença de cerâmicas que “imitariam” a produção oleira espanhola andaluz, estas são fabricadas por ceramistas nativos, que adotam somente as formas, mas que dão continuidade aos padrões decorativos indígenas. Associa-se a grande quantidade de cerâmicas de produção local/regional nos conjuntos artefatuais resgatados à crise mercantil das manufaturas cerâmicas espanholas no final do século XVI, que fez com que a mesa colonial fosse ocupada por vasilhas decoradas em Puebla, México, por exemplo. O domínio da produção cerâmica “novo hispânica” se manteria até a segunda metade do século XVIII⁴⁶.

Para este grupo de arqueólogos cubanos, mesmo termos como “colono ware”, cunhado por Deagan, são demasiadamente problemáticos, uma vez que indicam um espectro tão amplo e uma uniformidade tipológica que parecem inadequados para uma classificação tipológica, pois necessitariam, para tal, de traços mais precisos e mais definidos, tanto de ordem cultural como cronológica. A partir disso, propõem, para o contexto habanero, detalhamentos segundo contextos de manifestações da procedência da produção cerâmica local e o resultado das interações com a etnia predominante.

No contexto rio-platense, Daniel Schávelzon propõe novas nomenclaturas a estas cerâmicas, abundantes nos contextos coloniais espanhóis, a saber “regional/local”, diferenciada daquela importada, que, em termos gerais, parece corresponder, de algum modo, às classificações baseadas em caracteres culturais: “hispânicas”, “hispano-indígenas” e “indígenas”, que, todavia, são demasiado estreitas. Quando Schávelzon⁴⁷ analisa as cerâmicas de Concepción del Bermejo, propõe a classificação entre “no locales” – para aquelas fabricadas no âmbito colonial, mas em outros territórios - , “de tradição Mediterrânea” e de “manufatura regional”. O problema na utilização da categoria “hispano-indígenas”, segundo o autor, está no fato de partir do pressuposto de que a manufatura indígena é que se adapta, com maior ou menor grau, às formas, decorações e funções europeias, quando o fenômeno é muito mais complexo.

Alguns anos antes desta crítica, Schávelzon sugere a utilização das categorias “cerâmica indígena”⁴⁸ para referir-se aos artefatos, presentes entre os séculos XVI e XVIII,

⁴⁶ ÁLVAREZ, L. R.; DELGADO, R. A.; OLIVA, C. A. H. Op. cit., 2006

⁴⁷ SCHÁVELZON, Daniel. La colección cerámica de Concepción del Bermejo: notas sobre las cerámicas europeas e hispano-indígenas. *Revista de la Escuela de Antropología*, v. XVII, 2006

⁴⁸ SCHÁVELZON, Daniel. Arqueología e Historia del Cabildo de Buenos Aires: informe de las excavaciones (1991-1992). *Historical Archaeology in Latin America*, v. 8, 1995: 66.

cujas características se assemelham às aquelas pré-hispânicas no que concerne a aspectos de uma tradição em termos de formas, decoração e tecnologia de fabricação; e “cerâmica mestiza”⁴⁹ para aquelas que mantêm a tradição indígena em alguns aspectos, com influência espanhola mais marcada a medida que o tempo avança, atributos morfológicos como marcas de tornos, bases planas, etc., e forte presença do “monocromo rojo” (engobado, policrômico e pintado).

Segundo o arqueólogo argentino, o estudo dos artefatos provenientes de sítios coloniais espanhóis deve sempre levar em consideração a origem geográfica dos objetos, os marcos cronológicos de fabricação, o período de uso na América Latina e a reconstituição de formas⁵⁰. As cerâmicas com engobo vermelho, tal qual as que aparecem em quantidade em Xerez, são denominadas por ele como “cerâmicas rojas de tradición regional”, divididas em “indígena” e “criolla” (“hispano-indígena”), definidas como de origem local/regional, resultado de uma tradição marcadamente pré-hispânica, ainda que sejam influenciadas por traços europeus, africanos ou asiáticos, resultando, em diversos casos, no que se tem chamado, corretamente ou não, como “hispano-americano”, “mestizo”, “criollo” ou “de contato”⁵¹. A presença destas produções cerâmicas, com tais características, associar-se-ia a uma continuidade cultural do indígena pré-colombiano durante o período colonial e posterior. Segundo Schávelzon, estas cerâmicas parecem desaparecer mais rapidamente em contextos urbanos, mas seguem sendo produzidas em regiões marginais até o começo do século XX⁵².

O modelo traçado para Schávelzon para a região rio-platense é a de que as altas porcentagens de cerâmica indígena e hispano-indígena na área relacionam-se às atividades ceramistas do litoral, de tradição guarani, e às estruturas jesuítas das missões, cujo controle sobre a economia da região acarretou o aumento da produção destes tipos artefatuais, mesmo quando, posteriormente, houve queda, em número, das populações indígenas com o tempo⁵³.

Por fim, perspectivas bastante atuais em torno destas cerâmicas são levadas a cabo pelos estudos da arqueóloga colombiana Monika Therrien⁵⁴, cujas pesquisas priorizam a busca material da persistência de práticas indígenas, não no sentido de identificar manifestações culturais “intactas”, mas admitir que a conquista criou novos contextos e dentro deles a cultura material tem significados cambiantes em termos de atributos como

⁴⁹ SCHÁVELZON, Daniel. Op. cit., 1995: 68.

⁵⁰ SCHÁVELZON, Daniel. *Catálogo de cerâmicas históricas del Rio de la Plata, Buenos Aires*. CDROM, 1999.

⁵¹ SCHÁVELZON, Daniel. Op. cit., 1999: 141.

⁵² SCHÁVELZON, Daniel. Op. cit., 1999: 142.

⁵³ SCHÁVELZON, Daniel. Op. cit., 1999: 144.

⁵⁴ THERRIEN, Monika. Persistencia de prácticas indígenas durante la colonia en el altiplano cundiboyacense. *Boletín Museo del Oro, Bogotá*, v. 40, 1996: 89-99.

formas e funções. Para a autora, isto ocorre em decorrência dos modelos de povoamento espanhol e da relação “centro-periferia” que surge com esse modelo urbano, onde as olarias estabeleciam-se próximas aos núcleos de povoamento, em áreas, no entanto, periféricas, somadas as dificuldade de acesso dos espanhóis locais às novas tecnologias de produção, como uma que “imitasse” a louça branca europeia. Therrien, então, se pergunta se estas cerâmicas seriam indicadores de mestiços ou brancos pobres, e se pode-se falar em uma cultura material indígena como predominante.

Ao analisar os conjuntos artefatuais provenientes de Nova Granada, na Colômbia colonial, tendo em vista a variabilidade artefactual nos sítios arqueológicos, o que poderia, segundo a autora, ser aplicado a diversos contextos coloniais espanhóis investigados arqueologicamente, Therrien⁵⁵ tece os seguintes nortes: 1) a que se poderia atribuir a variabilidade dos produtos disponíveis?, 2) quais são aqueles produzidos localmente?, 3) quais os importados?, 4) quando se deu o fim e o início de produção destes objetos?, 5) quem acessava os diferentes tipos?, 6) quais os motivos de um acesso diferenciado ou homogêneo aos produtos?, 7) quais as mudanças nas práticas culturais frente às políticas econômicas espanholas?, e, por fim, 8) como se deram as continuidades das práticas nestes contextos?.

A arqueóloga ainda propõe, para as cerâmicas, o uso da categoria “tradição”, segundo uma acepção bastante dinâmica do termo⁵⁶, longe daquela utilizada pela arqueologia brasileira. Assim, mesmo frente à problematização do termo “mestizo” na categoria “cerâmica de tradição mestiça”, Therrien o utiliza como indicador do resultado de um encontro, com características que não são lineares ou seguem a um modelo pré-estabelecido, mas que melhor respondem ao surgimento e conformação de grupos sociais⁵⁷. Por outro lado, cerâmica “criolla” seria utilizado para aquelas tentativas espanholas de manter uma rotina, costumes e tradições buscando reproduzir características familiares às práticas que possuíam no Velho Mundo.

No Brasil, os anos 1960 marcam a análise da cerâmica associada a contextos históricos pelo interesse de alguns pesquisadores em torno dos chamados “contatos interétnicos”, isto é, a relação indígenas-portugueses (vistos de forma demasiado homogêneos e estáticos) nos primórdios da colonização do território que hoje é o Brasil, mormente pautada em contextos

⁵⁵ THERRIEN, Monika et alli. *Catálogo de cerámica colonial y republicana de la Nueva Granada*. Bogotá: Banco de la República/FIAN, 2002: 15

⁵⁶ THERRIEN, Monika. Contextos de reflexión sobre las cerâmicas arqueológicas de períodos históricos. *Arqueologia Historica*, n. 4, 2006.

⁵⁷ THERRIEN, Monika et alli. Op. cit.: 36

litorâneos. A nascente Arqueologia Histórica Brasileira passa, assim, a discutir, carregada de pressupostos da Arqueologia Pré-Histórica, as dinâmicas culturais indicadas e indicadoras dos artefatos resultantes das relações entre portugueses e grupos indígenas, baseadas na ideia de fricções interétnicas e miscigenação. Estabelecem-se as pesquisas de Marcos Albuquerque no Pernambuco, de Ondemar Dias no Rio, com Mentz Ribeiro e Brochado no Rio Grande do Sul, e com Margarida Andreatta, já no final dos anos 1970, em São Paulo.

Vale ressaltar o pioneirismo de Ruy Tibiriçá, quando, ainda nos anos 1930, publica estudo sobre local escavado em São José dos Campos, estado de São Paulo, no qual identifica vestígios de uma antiga tapera associada à cerâmica que ganha a alcunha de “cerâmica cabocla”⁵⁸. Imerso no universo do Jeca Tatu, a visão de Ruy Tibiriçá ainda pauta-se por teorias que relacionam miscigenação e degeneração racial daqueles grupos étnicos resultantes de “indígenas” e “europeus”, com pitadas do “africano”, no interior paulista.

Com a criação do PRONAPA⁵⁹, dos anos 1960, desenvolvem-se abordagens descritivas e tipológicas, com caráter regional, visando o estabelecimento da origem, difusão e cronologia das cerâmicas, aglutinadas em amplas tradições e fases⁶⁰. Por muito tempo, para a “cerâmica histórica” predominou a convenção do uso da terminologia “Tradição Neobrasileira” que, segundo a definição pronapiana do termo remete a “uma tradição cultural caracterizada pela cerâmica confeccionada por grupos familiares, neobrasileiros ou caboclos, para uso doméstico, com técnicas indígenas e de outras procedências, onde são diagnosticadas as decorações: corrugada, escovada, incisa, aplicada, digitada, roletada, bem como asas, alças, bases planas em pedestal, cachimbos angulares, discos perfurados de cerâmica e pederneiras”⁶¹.

Nesta definição, de acordo com Jacobus⁶², os *neobrasileiros* seriam os habitantes não-índios ou caboclos produtores de uma cerâmica de confecção local (no sítio) e de consumo familiar. Para o autor, no entanto, essa definição é anacrônica em relação ao termo brasileiro, pois, estas cerâmicas constituem-se em um complexo de origens diferentes, das quais ainda

⁵⁸ TIBIRIÇÁ, Ruy. Arqueologia Brasileira. *Revista do Arquivo Municipal*. Divisão do Arquivo Histórico do Departamento de Cultural da Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura de São Paulo, v. XXX, 1936: 140-143.

⁵⁹ Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas.

⁶⁰ BARRETO, Cristina. A construção de um passado pré-colonial: uma breve história da arqueologia no Brasil. *Revista da USP*, São Paulo, v. 44, 1999-2000: 32-51.

⁶¹ CHMYZ, Igor. Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica. *Cadernos de Arqueologia*, Paranaguá: Museu de Arqueologia e Artes Populares, UFPR, ano I, n. 1, 1976: 119-148.

⁶² JACOBUS, André L. Louças e cerâmicas no sul do Brasil no século XVIII: o registro de Viamão como estudo de caso. *Revista do CEPA*, Santa Cruz do Sul, UNISC, v. 20, n. 23, 1996: 7-58.

não temos o suficiente conhecimento, e, portanto, não deveria ser equiparada a uma cerâmica pré-colonial, possivelmente ligada a uma determinada etnia. A nosso ver, neste sentido, o conceito de tradição não se adequaria às cerâmicas históricas. Ademais, segundo Silva⁶³, há uma inversão etnocêntrica que coloca “aquelas populações rurais brancas em uma categorização de estrangeiro em seu próprio país e o índio não mais nessa categoria étnica (*o índio*), ao considerá-lo o verdadeiro brasileiro”⁶⁴.

Quase que concomitantemente, Marcos Albuquerque, influenciado pela sociologia freyriana⁶⁵ e pela missão francesa estabelecida no CEPA⁶⁶ (Albuquerque: 1984), começa a estudar, sob a ótica dos contatos interétnicos, a cerâmica presente em sítios com presença Tupiguarani e Portuguesa. O arqueólogo utiliza as denominações “cerâmica colonial portuguesa” e “cerâmica indígena” para tecer considerações em torno de um dos mais antigos “contatos interétnicos” da América, analisando o contexto que se estabeleceu a partir de 1516 na Feitoria de Cristovão Jacques, em Pernambuco. O autor sugere uma divisão clara entre o elemento indígena e o elemento português⁶⁷. Percebe que “a cerâmica indígena apresenta uma distribuição bastante regular decrescente quantitativamente no sentido dos níveis mais profundos para os superficiais. A cerâmica colonial, de modo inverso a indígena, decresce no sentido dos níveis mais profundos e aumenta de modo considerável no sentido dos níveis superficiais”⁶⁸. Ou seja, o gradual desaparecimento da cerâmica indígena decorre de sua substituição pela cerâmica colonial, entendida como “o complexo cerâmico trazido pelos europeus”.

Lembra-se que, no âmbito brasileiro, cerâmicas de contextos “semelhantes” foram estudadas também pela Arqueologia Missioneira. A cerâmica resultante da interação europeus-indígenas no contexto das Reduções e das Missões ficou conhecida como “cerâmica missioneira” ora referente a cerâmica guarani ali produzida ora como uma “cerâmica de contato”⁶⁹. Tais contextos foram lidos sob ótica histórico-cultural das fases e tradições e a

⁶³ JACOBUS, André. L. Op. cit., 1996

⁶⁴ SILVA, O. S. *Índios e caboclos*. Estudos da obra de Eduardo Galvão. 2001. São Paulo – PUC. Tese (Doutorado em História).

⁶⁵ ALBUQUERQUE, Marcos. O CEPA: meio século de contribuição para a Arqueologia Brasileira. *Arqueologia*, número especial, Curitiba, v. 4, 2007: 163-179.

⁶⁶ Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal do Paraná, criado nos anos 1950.

⁶⁷ ALBUQUERQUE, Marcos. *Contato euro-indígena no Nordeste do Brasil: um estudo arqueológico*. 1984. Recife – UFPE. Dissertação (Mestrado).

⁶⁸ ALBUQUERQUE, Marcos. Op cit., 1984: 25

⁶⁹ ZUSE, Silvana. *Os Guarani e a Redução Jesuítica: tradição e mudança técnica na cadeia operatória de confecção dos artefatos cerâmicos do sítio Pedra Grande e entorno*. 2009. São Paulo – USP. Dissertação (Mestrado em Arqueologia).

chamada “cerâmica de contato”, estudada por Brochado e Ribeiro, foi dividida em fase reduções, fase missões e seguiram com o uso da “tradição neobrasileira”. A primeira remete a cerâmica das reduções da primeira fase, transicional entre a tradição tupiguarani e a neobrasileira; a segunda foi definida por Brochado, Lazzarotto e Steinmez, em 1969, a partir da escavação de missões jesuítas propriamente ditas⁷⁰.

Recentemente, os conjuntos artefatuais da conjuntura missioneira foram revisitados pela arqueóloga Silvana Zuse⁷¹ ampliando a leitura monolítica do contato entre apenas dois grupos (guarani e europeu). A autora optou pela denominação “povoação missioneira” ao invés do tradicional “redução guarani-jesuítica”. Zuse aponta, por exemplo, às permanências no modo de fazer cerâmica no contexto dos Guaranis em missões e reduções jesuíticas, modo que é alterado em parte, já que algumas técnicas persistiram nas diferentes operações técnicas da cadeia de confecção dos artefatos cerâmicos. Mantêm-se elementos tradicionais, como as tecnologias de produção, somados a novos, como, por exemplo, as vasilhas com engobo vermelho, acordeladas. Por isso, propõe que o estudo destes processos culturais, baseados nos conjuntos artefatuais cerâmicos, parta da análise das cadeias operatórias.

No final dos anos 1970, em São Paulo, Margarida Andreatta passa a escavar as chamadas Casas Bandeiristas, ocupações associadas aos séculos XVII e XVIII no planalto paulista, das quais as coleções geradas pela Arqueologia são majoritariamente de fragmentos de artefatos cerâmicos. Andreatta, marcadamente relacionada às abordagens da arqueologia francesa no Brasil, aquela dos Emperaire e de Pallestrini, não utiliza as categorias pronapianas, classificando a cerâmica por seus padrões decorativos (como inciso, unglado, etc.), como se observa em seus cadernos de campo (Acervo DPH).

Apenas com a década de 1990 novos trabalhos foram publicados para São Paulo⁷² trazendo outros insumos quanto aos processos interpretativos e analíticos da *louça de barro*, indo além de abordagens galgadas apenas em classificações tipológicas ou descritivas. Nestes trabalhos, nota-se a complexidade de formas de aquisição, produção e consumo destes

⁷⁰ ZUSE, Silvana. Op. cit., 2009: 27

⁷¹ ZUSE, Silvana. Op. cit., 2009.

⁷² JACOBUS, André L. Op. cit., 1996; MORALES, Walter F. A cerâmica “neo-brasileira” nas terras paulistas: um estudo sobre as possibilidades de identificação cultural através dos vestígios materiais na vila de Jundiá no século XVIII. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, n. 11, 2002: 165-187.; SOUZA, Marcos A. T. *Ouro Fino: arqueologia histórica de um arraial de mineração do século XVIII em Goiás*. 2001. Goiânia – UFG. Dissertação (Mestrado); CALDARELLI, Solange B. A ocupação indígena do Vale do Paraíba, do período pré-colonial ao contato com o branco. In: *Arqueologia do Vale do Paraíba Paulista, SP-070 Rodovia Carvalho Pinto*. DERSA Desenvolvimento Rodoviário S.A, 2003; ZANETTINI, Paulo E. Op. cit., 2005; BORNAL, Wagner G. *Sítio Histórico São Francisco: um estudo sob a ótica da arqueologia da paisagem*. 2008. São Paulo – USP. Tese (Doutorado em Arqueologia).

artefatos, inseridos em contextos de redes de influências e significados para uma população marcadamente heterogênea e “urbana”, que atribui e ressignifica seu universo material⁷³.

Dentre estas pesquisas, a do arqueólogo Paulo Zanettini (2005), realizadas nas Casas Bandeiristas construídas ao redor da vila de Piratininga no decorrer dos séculos XVII e XVIII, aprofunda a discussão ao refinar a interpretação da *louça de barro* no Brasil. Ao definir a *louça de barro* como uma cerâmica de produção local e regional, Zanettini extrapola “o manto de uma grande tradição”⁷⁴ – a *neobrasileira* – e, vai além de interpretações que resumem os contextos de produção e distribuição de artefatos cerâmicos de forma homogênea. De acordo com o autor, por não contar com informações suficientes que possibilitassem a seleção clara das zonas de produção, redes de distribuição, troca e/ou comercialização, notadamente no contexto ora abordado, optou-se por esta definição⁷⁵; por outro lado, levanta problemáticas que relacionam as olarias coloniais ao papel pouco conhecido dos “homens livres pobres na ordem escravocrata”⁷⁶, enquanto promotores de atividades basilares à manutenção do cotidiano de diversos segmentos da sociedade, longe do binômico senhor-escravo.

Do mesmo modo, Zanettini buscou uma abordagem não mecânica na associação entre estilo tecnológico e identidades étnicas, “visto que outras questões subjacentes à produção cerâmica passaram a ser priorizadas, como a adaptação ‘formal’ desses utensílios às demandas da sociedade paulista colonial”⁷⁷. Tendo em vista as críticas apresentadas à problemática posta, e que o sítio de Xerez apresenta características semelhantes aos contextos supracitados, adotaremos a mesma terminologia sugerida por Zanettini⁷⁸, ou seja, **cerâmicas de produção local/regional**.

Corrugados e engobos vermelhos: a cerâmica de Santiago de Xerez

Para análise do material cerâmico⁷⁹ que compõe o acervo resultante das escavações, partimos da segregação das unidades de análise, através das quais todos os fragmentos do

⁷³ SOUZA, Marcos A. T. Op. cit., 2001: 142.

⁷⁴ ZANETTINI, Paulo E.; WICHERS, Camila A. M. A cerâmica de produção local/regional em São Paulo colonial. In: MORALES, Walter F.; MOI, Flávia P. (org.) *Cenários regionais em Arqueologia Brasileira*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2009: 311-334

⁷⁵ ZANETTINI Paulo E. Op. cit., 2005

⁷⁶ FRANCO, Maria S. C. *Os homens pobres livres na ordem escravocrata*. São Paulo: Ática, 1974.

⁷⁷ ZANETTINI Paulo E. Op. cit., 2005: 252

⁷⁸ ZANETTINI Paulo E. Op. cit., 2005.

⁷⁹ Vale ressaltar que esta metodologia, com adaptações, parte do trabalho de MORAES, Camila A. *Arqueologia Tupi no nordeste de São Paulo: um estudo de variabilidade artefactual*. 2007. São Paulo – USP. Dissertação

conjunto cerâmico são analisados de forma quantitativa. As bolotas de argila, que correspondem aos resíduos do processo produtivo, foram alvos de análise diferenciada, a qual aborda a presença/ausência de antiplásticos e eventuais marcas do processo de fabricação. Na análise quantitativa, as peças passaram por um estudo detalhado, envolvendo 23 atributos (classe da peça, espessura da peça, técnica de manufatura, tipo do antiplástico, espessura do antiplástico, frequência do antiplástico, queima, acabamento/aspecto de superfície externa e interna, técnica decorativa, engobo, decorações plásticas – tipo/motivo, tipo de borda, inclinação, espessura da borda em relação ao corpo, diâmetro da borda, porcentagem existente da borda, lábio, espessura do lábio, tipo da base, diâmetro da base, forma do vasilhame).

Para a compreensão do processo de ocupação da área através da dispersão espacial dos vestígios arqueológicos, foram definidas nove áreas de concentração de material arqueológico⁸⁰, as quais foram comparadas entre si para que pudéssemos apreender semelhanças e diferenças entre os universos de análise. Devido à variação da densidade entre as diferentes concentrações, as análises intrassítio foram realizadas da seguinte maneira: análise quantitativa entre as concentrações 1 e 2 e entre as concentrações 4, 7, 8 e 9.

Cabe salientar que as concentrações 1 e 2 representam 60% de todo o conjunto cerâmico analisado, principalmente, pela intensidade das intervenções arqueológicas realizadas nestas áreas. As concentrações 4, 7, 8 e 9 representam cerca de 8% cada uma. Por fim, as concentrações 3, 5 e 6, devido à baixa densidade, não permitiram a comparação com os outros universos. Seguimos, assim, apresentando os resultados das análises referentes às concentrações 1, 2, 4, 7, 8 e 9. As comparações estão pautadas, de modo sintético, pela análise dos processos produtivos envolvidos, acabamento de superfície e morfologia das vasilhas, na tentativa de encontrar semelhanças ou diferenças entre os universos estabelecidos.

De maneira geral, as vasilhas cerâmicas foram produzidas através da técnica “roletada” ou acordelada, isto é, através da sobreposição de roletes de argila para a confecção das peças. A preponderância desta técnica nos conjuntos analisados parece indicar importantes elementos para compreensão e perpetuação de um “modo” de fazer cerâmico específico, sugerindo um marcador de identidade social, neste caso, do “fazer indígena”. Somada a relativa homogeneidade das pastas, como será visto mais a frente, estes atributos indicam uma produção em escala local dos artefatos.

(Mestrado em Arqueologia).

⁸⁰ ZANETTINI ARQUEOLOGIA. Op. cit., 2010.

Para tal, parte-se do pressuposto de que a partir da análise da cadeia operatória⁸¹ de produção dos artefatos cerâmicos que compõem a coleção de Xerez é possível perceber continuidades e mudanças técnicas pela recorrência da técnica e variabilidade na manufatura e nas pastas⁸². Uma vez que a técnica é socialmente aprendida e socialmente transmitida⁸³, associa-se uma tradição e/ou um *habitus*⁸⁴ que define identidades e estabelece práticas culturais de grupos específicos, como parece indicar a cerâmica de Xerez.

Tem-se, assim, um modo de fazer estas cerâmicas que prevalece após o contato com os espanhóis, semelhante aqueles das tradições indígenas locais, devedoras de sua existência em determinado tempo e lugar⁸⁵, resultantes de uma somatória de elementos gestuais, técnicos, temáticos, etc., que configura este material em termos de estilo⁸⁶ ou estilo emblêmico⁸⁷. O estilo como o resultado das alternativas tecnológicas e das escolhas feitas durante operações de desempenho em todas as fases da cadeia produtiva⁸⁸, que parece sugerir a manutenção de uma identidade do grupo ou grupos indígenas responsáveis pela fabricação dos recipientes que abasteceram Xerez.

De maneira geral, em todos os universos de análise, os fragmentos de parede preponderam e são seguidos pelos fragmentos de bordas e algumas poucas bases (planas e plano-convexas). Observamos que nas concentrações 1 e 2 foram encontrados outros objetos, além das vasilhas cerâmicas, como um fragmento de candelabro, uma pequena esfera de argila e também um objeto modelado, antropomorfo, que lembra um pequeno “braço”, possivelmente pertencente a alguma imagem sacra.

No que concerne à escolha das matérias-primas (argilas e antiplásticos), constituem importantes indicadores da seleção e preparo para a produção de vasilhas cerâmicas. Os resíduos produtivos foram alvos de uma análise qualitativa, sendo examinados no que se

⁸¹ Entendemos cadeia operatória como a escolha de técnicas aplicadas a matérias-primas em sequências e combinações lógicas de gestos que transforma esses materiais brutos em produtos manufaturados, conforme VAN DER LEEW, Sander. Giving the potter a choice. In: LEMONNIER, Pierre. (ed.) *Technological choices: transformation in material culture since the Neolithic*. Londres: Routledge, 1993: 238-288.

⁸² ZUSE, Silvana. Op. cit., 2009: iv.

⁸³ LEROI-GOURHAN, André. *O gesto e a palavra*, 2 – Memória e ritmos. Lisboa: Edições 70, 1983.

⁸⁴ BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

⁸⁵ SACKETT, J. R. The meaning of style in Archaeology: a general model. *American Antiquity*, 40, 1977: 369-380.

⁸⁶ DIETLER, M.; HERBICH, I. Tich Matech: the technology of Luo pottery production and the definition of ceramic style. *World Archaeology*, v. 21, n. 1, 1989: 148-161.

⁸⁷ WIESSNER, P. Is there a unity to style? In the uses of style in Archaeology. In: CONKEY, M. W.; HASTORF, C. A. (ed.) *The uses of style in Archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990: 105-112.

⁸⁸ DIETLER, M.; HERBICH, I. Op. cit., 1989: 159.

referem a sua composição (pasta), processos produtivos (marcas impressas, queima) e dimensões⁸⁹. As pastas revelaram antiplásticos como quartzo e hematita de espessuras refinadas (0-1mm) e em baixa frequência. Isso pode indicar que estes elementos não-plásticos podiam fazer parte da própria argila. Com relação à distribuição espacial dos antiplásticos na área escavada, temos resíduos produtivos nas concentrações 1, 3, 5 e 9, porém, devido a baixa quantidade dos mesmos não foi possível indicar áreas específicas de produção de vasilhames, mas ao menos se pode pressupor que haveria uma produção cerâmica no local, de materiais como telhas ou de recipientes.

Com relação à análise das pastas e dos respectivos antiplásticos utilizados durante o processo de confecção, nota-se certa homogeneização entre as diferentes concentrações. A variabilidade notada está diretamente relacionada à ausência e presença de partículas de mineral (constituídas por quartzo, mica e hematita). No que concerne à presença de caco moído nas pastas (antiplástico adicionado intencionalmente), todas as concentrações apresentaram fragmentos com partículas de caco em mais de 50% dos conjuntos analisados.

As partículas de antiplástico com até 1 mm de espessura preponderaram em todas as concentrações, assim como a frequência (tipo de pasta), constituídas por pastas finas seguidas das médias em menor proporção. No que concerne aos aspectos que envolvem os antiplásticos (tipo, espessura e frequência), nota-se certa “sutileza” quanto à escolha dos elementos que constituem a pasta das vasilhas. Conforme identificado, as concentrações 7, 8 e 9, apresentaram diferenciação quanto à presença de antiplásticos, em maiores proporções constituídos por hematita e caco-moído.

Com relação ao tipo de queima, de maneira geral, as vasilhas foram submetidas a um processo controlado em fogo aberto e/ou fechado, com preponderância de queimas completas com secção transversal e superfícies variando do marrom ao preto, do pardo ao cinza e do alaranjada/ avermelhada⁹⁰. Somente a concentração 4 apresentou grande quantidade de peças com núcleo escuro (“mal cozidas”). Cabe lembrar que os elementos indicadores do processo de cocção que podem ser observados não são suficientes seguros, pois um mesmo traço ou marca decorrida deste processo pode ter sido originada por procedimentos diferentes de acordo com a posição da peça em relação ao fogo durante o processo da queima⁹¹.

⁸⁹ MORAES, Camila. Op. cit.

⁹⁰ MORAES, Camila. Op. cit.

⁹¹ OLIVEIRA, 2000: 148 apud MORAES, Camila A. Op. cit.

Quanto ao acabamento de superfície, de maneira geral, tem-se o predomínio de superfícies alisadas, executado após a confecção do vaso com a argila ainda úmida, servindo-se de variados instrumentos⁹², tais como: seixos rolados, sabugos de milho, taquaras e mesmo as mãos em alguns casos, sendo que, a utilização de seixos neste sítio é mais acentuada.

Os banhos, revestimento superficial com espessura menor que 1 mm⁹³ estão pouco presentes nos conjuntos analisados, com exceção da concentração 9, que apresentou mais de 40% de peças com banho, na maioria avermelhados e em alguns poucos casos escuros (do cinza ou preto).

Os conjuntos cerâmicos analisados apresentam acabamento de superfície variando entre o alisado, o engobado (vermelho) e o plástico. O engobo vermelho foi bastante representativo nas concentrações e está associado a vasilhas com características morfológicas específicas, como veremos adiante. Pode-se notar a representatividade das peças com engobo vermelho nas concentrações 1, 2, 4, 8 e 9 (mais de 20% em cada concentração).

A presença de peças com banho e engobo é bastante característica de um refinamento da pasta nos recipientes, no sentido da escolha de argila de granulometria fina ou na adição de antiplásticos menores que permitirão a produção de formas mais delgadas, em espessura. Isto pode indicar demandas por formas cujo desempenho final atendam os consumidores, mas que as técnicas de fabricação atendem o, ou fazem parte do, repertório dos produtores.

Com relação ao acabamento plástico, o escovado foi o mais recorrente, aglutinado principalmente na concentração 1, seguido de maneira fortuita por peças com decoração ungulada, ponteadada, ondulada, etc. Os escovados estão associados especialmente a grandes recipientes com função de armazenamento.

Quanto aos atributos morfológicos dos vasilhames cerâmicos, notamos os aspectos sociais envolvidos na produção, armazenamento e consumo de alimentos e bebidas. Este uso é analisado por meio das propriedades físicas e morfológicas dos artefatos, enquanto o acesso ao uso real envolve a análise das alterações causadas pelo uso (marcas abrasivas e marcas físico-químicas, segundo Skibo⁹⁴).

O primeiro atributo morfológico analisado foi a espessura das peças, cuja média foi 9,2 mm. Porém, notou-se relativa variação da espessura entre as diferentes concentrações. Essa variação está diretamente relacionada às diferentes vasilhas (forma/função) distribuídas

⁹² MORAES, Camila. Op. cit.

⁹³ LA SALVIA, Francisco; BROCHADO, José P. *Cerâmica Guarani*. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura., 1989: 18; MORAES, Camila. Op. cit.

⁹⁴ SKIBO, James. *Pottery function*. A use-alteration perspective. Nova York: Plenum Press, 1992

nos diferentes universos, como, por exemplo, vasilhas destinadas a consumo individual que apresentaram espessuras menores e vasilhas utilizadas para o armazenamento, com grandes dimensões e paredes mais espessas.

A análise permitiu averiguar que os fragmentos de bordas e bases, assim como os de paredes com ponto de inflexão, estão relacionados a vasilhames abertos, pequenos, destinados, principalmente, ao consumo individual e ao serviço de alimentos. As médias dos diâmetros das bordas que permitiram a reconstituição das vasilhas não ultrapassam os 20 cm, corroborando a ideia de que constituem elementos do universo do consumo. Por outro lado, os recipientes maiores, fundos, relacionam-se a artefatos relacionados ao armazenamento e a cocção, confeccionados com tecnologia indígena, inclusive em seu desempenho final, diferente daqueles engobados, cuja tecnologia indígena pode ser vista muito mais na cadeia operatória que dá forma ao recipiente do que na aparência final do mesmo.

A análise das bordas está pautada por conjunto de 82 peças. Elas foram classificadas segundo características de forma, inclinação e espessura em relação ao corpo – de acordo com Robrahn-González e Moraes⁹⁵. As bordas diretas predominam, seguidas das extrovertidas e introvertidas. Dentre as bordas classificadas, apenas 21 permitiram o avanço das análises morfológicas. A partir do desenho do perfil da projeção das mesmas, as vasilhas reconstituídas foram classificadas e separadas conforme suas funções presumidas. Seguimos a etnoarqueóloga Prudence Rice, junto de Moraes,⁹⁶ para as correlações entre forma, antiplástico e acabamento de superfície e para o estabelecimento da função presumida dos vasilhames.

No que concerne às funções presumidas, baseadas em usos pretendidos dos artefatos⁹⁷, as formas associadas ao universo da alimentação foram organizadas em quatro conjuntos formais da seguinte maneira:

1. Consumo – formas abertas para fácil acesso ao conteúdo, caracterizadas como recipientes pequenos, em geral rasos, com predomínio de *designs* em meia calota e diâmetro que

⁹⁵ ROBRHAN-GONZALEZ, Erika. *A ocupação ceramista pré-colonial do Brasil Central: origens e desenvolvimento*. 1989. São Paulo – USP. Tese (Doutorado em História). MORAES, Camila. Op. cit.

⁹⁶ RICE, Prudence. M. *Pottery analysis: a sourcebook*. Chicago: Chicago University Press, 1987. MORAES, Camila. Op. cit.

⁹⁷ SCHIFFER, M. B.; SKIBO, J. The Explanation of Artifact Variability. *American Antiquity*, v. 62, n. 1, 1997: 27-50. MORAES, C. Op. cit.

varia entre 12 e 24 cm. Aproximam-se das formas dos pratos europeus. Predominam os engobos vermelhos.

2. **Serviço** – formas abertas, semifechadas e fechadas caracterizadas enquanto recipientes com função de servir, alimentos líquidos ou sólidos, com presença de formas com engobos vermelhos e decorações plásticas. Variam entre formas que lembram formas europeias e algumas que seguem tradição indígena de produção.
3. **Cocção** – vasilhas arredondadas ou globulares caracterizadas como recipientes utilizados para o preparo de alimentos (*cooking pots*), cujos *designs* lembram formas bastante indígenas.
4. **Armazenamento** – formas semifechadas e profundas caracterizadas enquanto grandes recipientes, provavelmente utilizados para armazenamento de grãos ou água, predominando a decoração escovada.

A figura a seguir indica a reconstituição das formas (com sugestão de seu fechamento) que compõem o acervo e que certamente faziam parte do aparato material que acompanhava o universo alimentar da população de Xerez no século XVII. É interessante ressaltar que a reconstituição e sugestão das formas pelos arqueólogos, mormente associadas à alimentação durante o período colonial, deve iniciar debates acirrados com os historiadores da alimentação, uma vez que o que mais vem chamando nossa atenção é o fato de que o aparato descrito pela pesquisa dos historiadores, com base em documentos escritos, específico para a “mesa”, praticamente não tem correlatos com o que a Arqueologia tem localizado como refugio deste cotidiano. Se historiadores vêm ressaltando o uso de estanho, louças do Reino e louças vidradas, os arqueólogos encontram coleções compostas em até 90% por artefatos cerâmicos de produção local/regional. Isto pode indicar que enquanto bem bastante corrente, a cerâmica não entrava nos inventários, distorcendo as proporções entre os materiais da mesa dos colonos, e que os materiais dos inventários (madeira, estanho, louça) não sofriam processos de descarte e estariam submetidos a processos pós-depositivos específicos, diferente dos cerâmicos.

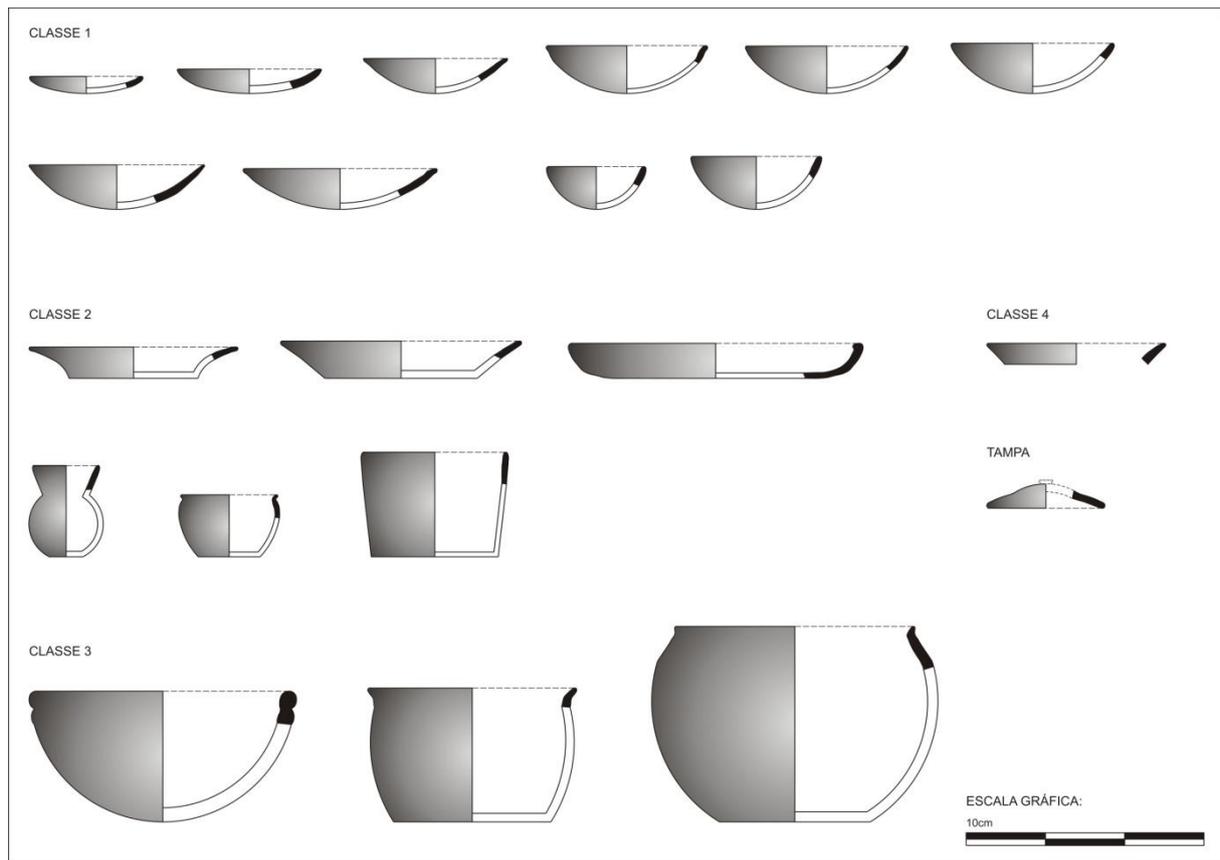


Figura 1: Projeção de formas e sugestão de fechamento.

As dinâmicas do abastecimento interno colonial e a cultura material de Xerez

A análise do conjunto artefactual permitiu inferir algumas questões e levantar possibilidades que poderão nortear pesquisas futuras no local, a partir da aproximação dos elementos que dialogam com a bibliografia consultada, tendo em vista, sempre, que a pluralidade étnica dos grupos americanos acarretou em uma diversidade de processos consequentes da invasão espanhola em diferentes regiões⁹⁸. Ao contrário do que se pensou como eixos de interpretação dos dados para o início das etapas arqueológicas do Projeto⁹⁹, perguntas norteadas sobre diferenciações hierárquicas ou de *status* social não puderam ser observadas no registro arqueológico, o qual, entretanto, apontou problemáticas que giram em torno de questões de identidade, etnia, transculturação ou mestiçagem, resistências e permanência de práticas no contexto colonial.

A análise cerâmica sugere que a dinâmica de acesso aos artefatos se dava majoritariamente em nível local, segundo a relativa homogeneidade das pastas e dos processos de produção, com poucas peças que sugerem produção regional, intercolonial ou

⁹⁸ BRUIT, Hector. *Bartolomé de Las Casas e a simulação dos vencidos*. Campinas: Edunicamp, 1995: 43

⁹⁹ ZANETTINI ARQUEOLOGIA. Op. cit., 2010

ultramarina (a saber, o fragmento antropomorfo em forma de braço e mão e um pequeno artefato em granito, polido, que lembra um botão). Tentamos nos alinhar, assim, às discussões da literatura especializada, que ressaltam a crise do sistema de abastecimento espanhol para o período, obrigando colonos, devido às problemáticas de acesso, a depender cada vez mais dos objetos produzidos em escala local¹⁰⁰. Não reduziremos, no entanto, as interpretações a uma escala meramente economicista¹⁰¹, tendo em vista a complexidade dos processos de interação cultural e aquisição de bens.

Notamos a predominância de uma tecnologia indígena na produção dos artefatos cerâmicos, sugerindo a manutenção e a continuidade de práticas culturais no período colonial, percebidas na fabricação dos artefatos, isto é, nos modos de fazer que configuram a cadeia operatória de produção. São poucas as mudanças técnicas em relação a uma tradição pré-hispânica cerâmica, em termos produtivos.

Somam-se essas características à insuficiência do sistema colonial espanhol em propiciar uma condição material mínima de sobrevivência aos colonos, as possibilidades que o comércio intracolonial possibilitaria a estes habitantes e a facilidade dos acessos colaborando para o consumo desta produção oleira tanto por espanhóis, como por *criollos* e indígenas. Nota-se a manutenção de uma tradição e um *habitus* indígena nos modo de produzir, nos gestos e maneiras de fazer, que denotam a continuidade de identidades e práticas culturais. Talvez por isso a literatura arqueológica dos anos 1970 e 1980 indique processos de “aculturação” dos espanhóis, imersos num mundo desconhecido, por vezes hostil, por vezes colaborativo, por vezes concatenado e interpenetrado, e não dos grupos indígenas, tal qual costuma ocorrer na literatura arqueológica brasileira.

Há que se levar em conta, entretanto, que a produção de recipientes com engobo vermelho em formas que lembram pratos levanta dois caminhos, partindo-se do pressuposto do consumo, produção e demanda como categorias ontológicas. Na esfera produtiva, o conceito de *stimulus difusion* de Lévi-Strauss é aplicável no sentido de que a produção destes recipientes para consumo, na esfera colonial, dialoga com uma produção oleira indígena que atende à demanda por determinadas formas, as quais se aproximam daquelas pré-existentes na própria tradição indígena. Processo semelhante foi observado por Zuse¹⁰² em contextos

¹⁰⁰ McEWAN, I. Op. cit., 1991; 1992.

¹⁰¹ MONKS, Gregory G. On rejecting the concept of socio-economic status in historical archaeology. In: FUNARI, P. P. A.; HALL, M. & JONES, S. (org.) *Historical Archaeology: back from the edge*. Londres: Routledge, 1999: 204-216.

¹⁰² ZUSE, Silvana. Op. cit., 2009.

missioneiros com a proliferação das decorações corrugadas e do engobo vermelho. Existe, assim, uma intensificação na produção de certas formas que já existiam, mas eram menos recorrentes, e não, necessariamente, a produção de formas inteiramente novas. Deste modo, um costume importado funcionou como um catalisador, mesmo num contexto de absoluto desconhecimento do mesmo, provocando com sua presença o surgimento de um uso semelhante potencialmente presente, tendo em vista seu papel em satisfazer uma exigência estética e exprimir uma disposição afetiva pressuposta¹⁰³.

Quanto aos artefatos líticos presentes na amostra, alguns caminhos podem ser traçados. A pouca quantidade de peças, sendo a maioria com marcas de utilização, pode indicar o transporte desses instrumentos para a Xerez e sua produção estar localizada em outras áreas. Lembra-se que em contextos missioneiros, por exemplo, existem aldeias como ocupações periféricas que denotam resistências ao processo catequético, resultando em articulações comerciais entre missionários e habitantes destas regiões envoltórias¹⁰⁴. É seguro que, ao redor de Xerez, aldeias e ocupações indígenas abundavam, e com elas foram estabelecidas relações de troca, abastecimento, etc.

Aventa-se, claro, a possibilidade deste material ser anterior a ocupação colonial, sendo assim um componente pré-colonial característico de alguns tipos de aldeias onde se encontram poucos vestígios líticos; as áreas de produção dos artefatos estariam em locais específicos articulados à aldeia central. No entanto, qualquer destas problemáticas em torno dos líticos nos coloca diante da necessidade de estudos mais aprofundados em sítios arqueológicos da região. As questões demandam discussões que de fato contribuam para a história indígena local, compreendendo o modo de vida dessas sociedades anteriores a colonização, o momento da chegada espanhola, como esta se realizou e como se deram as formas de interação e/ou resistência dos indígenas a partir da cultura material encontrada.

Os aspectos de manutenção e continuidade, “conservadorismo” ou “acomodação”, como chamam alguns arqueólogos como McEwan e King, de técnicas indígenas na produção do repertório cerâmico e lítico que abasteceu Xerez, mesmo na fabricação de formas mais “europeias” ou “espanholas”, dialoga com aquilo que Bruit¹⁰⁵ chamou de “cultura de recusa”, estratégia fundada pelos indígenas americanos, encoberta pela simulação, transmitida às

¹⁰³ LÉVI-STRAUSS, Claude. O suplício do Papai Noel. São Paulo: Cosac Naif, 2008: 17.

¹⁰⁴ ZUSE, Silvana. Op. cit., 2009.

¹⁰⁵ BRUIT, Hector. Op. cit., 1995: 203.

gerações futuras por meio da mestiçagem biológica e cultural, conformando sementes de resistência baseadas no inconformismo.

Daí as problemáticas da literatura arqueológica sobre a nomenclatura dada a esta produção oleira, ora é chamada de *criolla* ou *mestiza* ora *aborígene*. As políticas de mestiçagem da América Espanhola que buscavam, em tese, se não normatizar práticas indígenas e substituí-las por espanholas, ao menos aproximar extremos, acabaram reforçando o indígena na medida em que o mestiço absorveu muito mais a mentalidade destes¹⁰⁶. Isto fica claro no contexto das tecnologias cerâmicas observadas no aparato material cotidiano de Xerez.

A demanda pelas formas abertas com engobo vermelho é compreensível se entendermos que ela se define como *demanda* ou *procura*, “a quantidade de determinado bem ou serviço que os consumidores desejam adquirir, num dado período. Assim, a demanda é um desejo”¹⁰⁷. Esta demanda deve ser vista como consumo, como um aspecto geral da política econômica das sociedades: “a demanda surge como função de uma série de práticas e classificações sociais, em vez de uma misteriosa revelação das necessidades humanas, de uma reação mecânica à manipulação social (...), ou de uma redução de um desejo universal e voraz por qualquer coisa que, por acaso, esteja disponível”¹⁰⁸.

Tendo em vista a vida dos colonos espanhóis em um ambiente tão novo como o do centro do América do Sul, a demanda e o consumo destas formas sugere tentativas de manutenção de uma identidade cultural e social, mínima, e de reprodução de um *habitus* andaluz espanhol, baseados em táticas¹⁰⁹ desenroladas no cotidiano. Sugerimos que consumindo formas que se assemelham àquelas espanholas, durante as refeições, os espanhóis, ou os filhos destes com mulheres indígenas, no contexto de rituais públicos ou de sociabilização, como as refeições, estivessem tentando manter práticas e reconstruir identidades partindo do consumo enquanto processo ativo no qual categorias sociais são continuamente redefinidas. O indivíduo usa o consumo para dizer alguma coisa sobre si mesmo, sua família, sua localidade, seja na cidade ou no campo¹¹⁰. Enquanto processo ativo, o consumo dos vasilhames com engobo vermelho, na forma de pratos e cuias rasas, é também

¹⁰⁶ BRUIT, Hector. Op. cit., 1995: 193.

¹⁰⁷ VASCONCELLOS, M. A. S. *Economia: micro e macro*. São Paulo: Atlas, 2002: 49.

¹⁰⁸ APPADURAI, Arjun. Introdução: mercadorias e apolítica de valor. In: APPADURAI, Arjun. (org.) *A vida material das coisas*. Niterói: Eduff, 2008: 15-88.

¹⁰⁹ DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2007.

¹¹⁰ DOUGLAS, M.; ISHERWOOD, B. *O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006: 116.

processo ritual, cuja função primária seria dar sentido ao fluxo incompleto dos acontecimentos¹¹¹, fazendo com que o espanhol ou o *criollo* pudesse construir um universo inteligível com os bens que escolhia dentre aqueles disponíveis e acessíveis.

Poderíamos falar, assim, de uma resistência espanhola, ou uma micro-resistência, no âmbito do que Bruit¹¹² chamou “medo espanhol”, mais do que uma resistência indígena, já que, pelo menos no contexto de Xerez, neste processo inicial de colonização, é a tradição indígena que parece prevalecer, sobre a europeia, mesmo em contextos de transculturação ou “mestiçagem cultural”, como denomina Todorov¹¹³. Isto parece se reforçar tendo em vista a ausência de artefatos clássicos, de produção europeia, a exceção do candelabro (destarte sua produção local seguindo uma tecnologia indígena, com forma europeia), presentes em muitos sítios da América espanhola, especialmente aqueles litorâneos, portuários ou de núcleos urbanos, como as *botijas (olive jars)*¹¹⁴.

A análise da cultura material sugere um contraste entre o predomínio de formas abertas, engobadas, que se assemelham a pratos, nos conjuntos formais associados ao universo do consumo individual e ao serviço de alimentos, e o ambiente de cocção e armazenamento de alimentos, no qual há predomínio de formas e decorações tipicamente de tradição indígena, como grandes painéis e decorações plásticas, com escovados, ponteados, unglados, etc. Isso indicaria a presença de práticas identitárias expressas pelos grupos indígenas e seus descendentes com os espanhóis, seja durante a cadeia operatória que configura a produção, seja em preferências de consumo – apesar do fato de que muitas vezes o uso de cerâmicas indígenas nos ambientes de preparo de alimentos possa também referir-se a uma tática de uso de formas que atendessem uma função determinada. Isto tornaria independente, num primeiro momento, forma e decoração¹¹⁵, uma vez que, enquanto signos seriam compartilhados, decodificados e teriam efeito apenas sobre determinados consumidores.

Considerações finais

As conclusões da análise da cultura material de Xerez durante a União das Coroas Ibéricas aproximam-se de alguns casos observados em outros contextos da América espanhola e apresentados pela literatura arqueológica, nos quais os pesquisadores observaram,

¹¹¹ DOUGLAS, M. & ISHERWOOD, B. Op. cit., 2004: 112.

¹¹² BRUIT, Hector. Op. cit., 1995: 42.

¹¹³ TODOROV, Tzvetan. Op. cit., 1999.

¹¹⁴ DEAGAN, Kathleen. Op. cit., 1978; DOMINGUEZ, Lourdes S. Op. cit., 1984.

¹¹⁵ JAMIESON, B. Op. cit., 2003: 236.

através dos conjuntos artefatuais associados aos serviços de mesa, formas próximas àquelas uma vez consumidas na Espanha, concatenadas à presença de formas esteticamente indígenas, na cozinha. Estes estudos sugerem que a característica observada na amostra da cultura material exumada de Xerez estaria associada à presença da mulher indígena no ambiente doméstico, tendo em vista o incentivo da política colonizadora espanhola de relações interétnicas.

Por outro lado, as questões levantadas pelas análises do material arqueológico de Xerez não coadunam as literaturas historiográficas clássicas que apresentam um quadro de “vencidos” ou “vencedores” para o processo de interação cultural, ou mesmo contextos apenas bélicos no que se refere à convivência entre indígenas e espanhóis, e seus descendentes. A Arqueologia sugere que tal processo fora mais complexo, com variantes locais, por toda a América, não necessariamente belicosos, mas por vezes bastante integrados e interdigitados, originando, como afirmaram arqueólogos¹¹⁶, um *menaje cultural* ou, um produto novo, americano, como coloca Lourdes Dominguez.

Debruçar-se sobre as cerâmicas de produção local/regional nos contextos latino-americanos, assim como em sítios relacionados à complexa e variável interação entre grupos indígenas, das mais diversas etnias, e europeus, espanhóis ou portugueses, permite estabelecer parâmetros em torno das dinâmicas de abastecimento da América colonial e de como se deram as táticas, no dia a dia, das populações formadas nos primeiros núcleos coloniais, no âmbito das tentativas de implantações “do urbano” como plano da Coroa de Castela¹¹⁷. Por outro lado, assumir o dinamismo das redes de comércio locais e regionais ao investigar a cerâmica é aproximar a Arqueologia das atuais discussões em torno dos complexos processos culturais que compuseram diferentes regiões do território da atual América Latina, próprios em cada contexto. “Indígena” e “europeu” não podem ser vistos como categorias homogêneas e monolíticas e os artefatos associados ao contexto de suas ocupações deve ser interpretado de modo que colabore com a compreensão da complexidade e variabilidade dos fenômenos identitários e étnicos decorrentes e da maneira como os relacionamentos se deram.

¹¹⁶ ÁLVAREZ, L. R.; DELGADO, R. A.; OLIVA, C. A. H. Op. cit., 2006.

¹¹⁷ RUIZ, Rafael. Op. cit., 2004.